

ENGENHOS: ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DO MODELO SOCIAL DA COLÔNIA

Olga Suely Teixeira
Universidade Potiguar – Natal

RESUMO: Este ensaio foi produzido na perspectiva de apresentar os Engenhos como espaços onde se gestou – no chamado período colonial da História do Brasil – uma sociedade grandiosa, que influencia a construção da identidade nacional mesmo nos dias atuais. Lançando mão da pesquisa bibliográfica, investiga-se o lócus da primeira grande atividade econômica da Colônia Portuguesa na América, com um olhar diferenciado sobre o mesmo, mostrando que não havia ali apenas escravizados e escravizadores, mas um amálgama das características que construíram o mundo colonial brasileiro.

PALAVRAS – CHAVE: História do Brasil; Sociedade colonial; Engenhos.

UMA BREVE INTRODUÇÃO

Os Engenhos da fase colonial da História do Brasil sempre sugeriram, para o observador incauto, um cotidiano de libertinagem e violência com grandes Senhores que usavam suas escravas da forma que lhes era mais conveniente e agiam violentamente contra as mesmas, contra suas esposas frágeis e submissas e contra os escravos que mantinham funcionando suas belas e pitorescas propriedades.

Essa visão mítica – apresentada de início pelos viajantes que por aqui passavam em busca de outros destinos – perpetuou-se através dos séculos, com o aval da historiografia, e, em períodos mais recentes, da mídia.

Engenho lembra apenas açúcar e violência.

Partindo desta constatação, pretende-se demonstrar que os engenhos do Brasil Colonial não eram apenas locais onde o senhor branco exercia seu poder e o escravo negro era tiranizado até a morte. Eram também espaços onde se produzia o modelo social que foi seguido por todo o território da Colônia, chegando a influenciar até mesmo hábitos com os quais deparamos na atualidade.

Não é tarefa muito fácil apresentar idéias sobre a sociedade formada na América Portuguesa, nos primeiros tempos de sua história, e o que era para ser apenas uma simples pesquisa acabou se tornando uma busca por origens e guiando questionamentos bem mais profundos dentro de temas como a miscigenação ou a adequação de hábitos de uma e outra cultura.

Portanto, em um recorte de tempo que privilegia a época do estabelecimento dos primeiros engenhos no território colonial luso-brasileiro (a partir do Século XVI), quando foi forjado o tipo mais estável de civilização criado na América, propõe-se a análise de alguns elementos que permitem afirmar os engenhos como espaços de produção do modelo social brasileiro, base da identidade nacional, cuja influência nos alcança ainda hoje.

Em realidade, é um trabalho que pede aprofundamento, mas que mesmo numa fase inicial já permite dizer que o modelo social ora referido foi totalmente produzido pelo amálgama de vários fatores locais, não tendo havido uma transposição

de modelo social metropolitano para a Colônia, como se afirmava até bem recentemente.

BRASIL, TERRA DE ÍNDIOS

Ao alcançar as terras tropicais, os Portugueses depararam-se com o “novo”, em todos os sentidos. E, enquanto na Europa a Metrópole enfrentava problemas políticos e econômicos, na América Portuguesa começava uma saga, a construção de um novo tipo de sociedade, híbrida, peculiar.

A princípio, Portugal fundou feitorias ao longo do litoral para auxiliar na exploração do pau-brasil, mas a técnica predatória logo esgotou as melhores reservas; com a queda na qualidade da mercadoria, Portugal via-se frente à necessidade de encontrar uma solução para a economia, como se já não lhe bastasse a dificuldade para manter a posse das novas terras, haja vista as investidas de outras nações na Colônia.

Para os dois casos, a Metrópole encontrou uma solução: o Rei decidiu-se pela distribuição de Capitânicas Hereditárias, entregando a particulares a utilização e o desenvolvimento da riqueza vegetal colonial; e já a partir daqui iniciava-se a peculiaridade da colonização brasileira.

Os donatários, pertencentes às casas nobres do Reino, enfrentaram os riscos da travessia e, se dispostos a estabelecer-se numa terra desconhecida, obtiveram resultados consideráveis, graças ao cultivo da cana-de-açúcar.

BRASIL, TERRA DE ENGENHOS

O Engenho foi a célula básica da unidade econômica da organização colonial.

E foi em torno e no interior dessa unidade colonizadora que se forjou a identidade social luso-americana; uma identidade de caráter original, embasada na aprendizagem mútua entre brancos, índios, escravos, senhores e cativos.

Buscando estudar o engenho como espaço produtor do modelo social brasileiro, observou-se que nos primeiros tempos, as relações sociais foram condicionadas pela escassez de mulheres brancas e pela monocultura latifundiária.

Dentro do engenho, a índia, a negra, a mulata, chegaram a ser esposas legítimas, democratizando a sociedade colonial; no segundo caso, os interesses econômicos e os lucros decidiam amizades, associações e casamentos. Originadas desses casamentos, as famílias – e não o indivíduo ou o Estado – formavam os núcleos dos quais se irradiava a sociedade dos engenhos no Brasil.

MAS... O QUE ERA UM ENGENHO?

Segundo o dicionário, uma das definições de engenho é “propriedade agrícola onde se cultiva a cana e se produz açúcar e álcool”.¹

Para objeto deste ensaio definir-se-á engenho como grande propriedade agrícola, base da organização da atividade açucareira no Brasil Colônia. Esses foram

¹ Dicionário Balsa da Língua Portuguesa. São Paulo: Balsa Planeta International Ltda. 2005.

propriedades dentro de cujos limites floresceram, além da monocultura latifundiária e da escravidão, o catolicismo, o patriarcalismo, o compadrismo; espaços de sociabilidade que reuniam uma minoria de brancos, uma enorme massa de escravos e alguns outros tipos como o meeiro, que sintetizavam a forma da nova sociedade.

Pela visão de Bordieu, os grupos sociais têm formas específicas para se apropriar dos espaços, criando simbologias para afirmar sua distinção. Na sociedade dos engenhos, até mesmo a arquitetura era uma expressão do espírito grandioso do modelo social produzido naquele espaço; a casa-grande, com cozinhas enormes e vastas salas de jantar e ainda numerosos quartos, formava um belo conjunto com a capela, a senzala e a cãs-de-engenho, onde se abrigavam as instalações necessárias á fabricação do açúcar, tendo, assim, uma dimensão psico-cultural, exprimindo idéias, desejos e sentimentos daquele momento histórico.

O ENGENHO E A PRODUÇÃO DE UMA SOCIEDADE ELITISTA E PATRIARCAL

Englobando parentes de sangue e afins, o espaço denominado Engenho produziu uma sociedade de elites patriarcais, na qual os chefes das grandes famílias dominavam escravos, lavradores de partido, agregados; seu despotismo paterno escolhia maridos por conveniência para as moças, criadas em ambientes rigorosos e que, aos quinze anos, já eram mães e senhoras de outros engenhos.

O elitismo era profundamente defendido, até mesmo com casamentos entre tios(as) e sobrinhas(os), cujas únicas finalidades eram evitar a dispersão de bens e conservar a pureza do sangue de origem nobre ou ilustre.

O ENGENHO, A POLÍTICA EA ECONOMIA BRASILEIRAS

A grande propriedade estava ligada intimamente às estruturas de poder e o quadro político brasileiro não poderia deixar de ser permeado por este fato.

Veja-se a política de “compadrismos”, que se baseava no círculo de amizades dos senhores de engenho e que acabou gerando fenômenos como o coronelismo e a formação das grandes oligarquias brasileiras.

Na economia, o engenho produzia um espaço diferenciado do que era usado pelos indígenas e gerava relações escravagistas de trabalho, numa atividade que suscitou a povoação efetiva da terra.

O ENGENHO COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADES

Quando os Portugueses iniciaram o processo de efetiva colonização do Brasil, num tempo em que sequer havia “Brasil” como representação real de país, encontraram uma realidade na qual poderiam explorar e extrair riquezas, mas, onde, antes de tudo, teriam de criar um novo tipo de sociedade.

No engenho, base do modelo monocultor e escravocrata da sociedade nascida nos trópicos, verifica-se uma verdadeira zona de confraternização; tal afirmação apóia-se no fato de se notar a união de colonos com mulheres caboclas e até mesmo no

grande número de bastardos em torno dos patriarcas. Na casa-grande circulavam afilhados, as boas amas negras e os pretos velhos contadores de histórias.

Na composição social híbrida daqueles espaços, brancos, índios e africanos misturavam-se, não só biologicamente, mas também, através da permuta de tradições, usos e costumes; foram abertas, por todos os sujeitos históricos envolvidos, exceções em relação ao “outro”.

Cada vitória e cada insucesso eram comemorados pelos vários grupos que constituíam o engenho, cada qual à sua maneira.

O Brasil açucareiro foi construído, no fim, a partir de exploração e violência, mas de uma busca por convivência entre colonizadores, elementos da terra e filhos da África.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A História do Brasil se apresenta peculiarmente, desde a chegada dos Europeus até os dias atuais.

O período colonial, se bem observado, revela muito da identidade nacional contemporânea. Mostra os motivos da existência e torna mais claro o entendimento de problemas que estão sempre em evidência, como devastação ambiental, latifúndios, baixo nível cultural.

Neste contexto, falar do modelo social brasileiro, exige um olhar amplo e aguçado para entender paixões e ódios que permeiam, inclusive, ações quotidianas, buscando desmistificar algumas idéias cristalizadas no imaginário através do tempo.

Porque não se pensa o engenho colonial como um espaço onde pessoas tentavam conviver e aprender umas com as outras? Onde se dirigia o caminho da nação, em decisões políticas/ onde floresciam amores ternos e ódios profundos?

Porque só mostrar o engenho como o local onde se produzia açúcar e os negros eram surrados nos troncos?

De fato, tudo isso aconteceu nos engenhos; pessoas foram coisificadas, mas viveram ali suas histórias.

Conclui-se, então, que os engenhos foram espaços onde a sociedade brasileira foi gestada e parida e se houve transposição de um modelo administrativo da Metrópole para a Colônia, o mesmo não se deu com o modelo social. Esse tempo inicial consagrou regras vigentes ainda hoje, na economia, na política e na sociedade.

Aqui, tudo foi construído a partir do padrão ambiental encontrado pelo colonizador e que o levou a modelar a vida ao gosto do sol dos trópicos; modelagem esta que tem sua maior expressão nos engenhos e na sociedade do ouro doce.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. Capistrano de. CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL. Rio de Janeiro, 1928.

ANDRADE, Almir de. FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1941.

ANTONIL, André João. CULTURA E OPULÊNCIA DO BRASIL POR SUAS DROGAS E MINAS. São Paulo - Rio de Janeiro, 1923.

BELO, Júlio. MEMÓRIAS DE UM SENHOR DE ENGENHO. Rio de Janeiro, 1939.

BORDIEU, Pierre. O PODER SIMBÓLICO. Lisboa: Difel, 1989.

FERNANDES, Antônio Teixeira. ESPAÇO SOCIAL E SUAS REPRESENTAÇÕES. IV Colóquio Ibérico de Geografia, Porto, 14 a 17 de Setembro de 1992.

FREYRE, Gilberto. CASA-GRANDE E SENZALA: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51 ed. Ver. São Paulo: Global, 2006.